

O TEMPO TRIPARTITE NA PESQUISA CIENTÍFICA

KEILA ANDRADE HAIASHIDA

Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC e Graduada em Pedagogia também pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/ UECE. E-mail: keilandrade@hotmail.com

Introdução

Este estudo objetivou investigar a perspectiva metodológica interdisciplinar do paradigma geohistórico disseminado pela Escola Francesa dos “Annales” de Fernand Braudel, em sua articulação com as pesquisas acadêmicas.

A problemática norteadora foi: como relacionar espaço e tempo, geografia e história e qual contribuição essas categorias podem oferecer às pesquisas acadêmicas? Para tentar responder a essa formulação investigamos os movimentos de renovação do pensamento geográfico e a constituição da Geografia Histórica e da Geohistória.

Um aspecto relevante para o estudo foi a ideia de tempo tripartite, ou seja, Braudel decompõe o tempo em três níveis distintos. Os diversos fenômenos investigados ocorrem, como já mencionado, em um determinado espaço e tempo. Todavia, essa periodização possui níveis de temporalidade (curta, média e longa duração).

Braudel defende que o entendimento do tempo de longa duração em relação às diferentes temporalidades históricas permite entender as permanências e rupturas no percurso histórico da formação territorial.

Espaço e Tempo: uma Simbiose

Um aspecto instigante na produção do conhecimento é a possibilidade de articulação entre espaço e tempo. Diversos histo-

riadores e geógrafos concordam que a compreensão da sociedade só é possível a partir de um olhar espaço-temporal.

A identificação de um campo conceitual não é fácil. Todavia, as reflexões epistemológicas nas diversas ciências propiciaram a resolução desse desafio. A epistemologia¹ ou teoria do conhecimento permite a crítica, o estudo da origem e dos limites do conhecimento,

Segundo Gomes (2009, p. 2) “a epistemologia é um campo crítico de discussões sobre as formas de pensamento científico. Isto quer dizer que essas discussões epistemológicas dizem respeito antes de mais nada aos métodos, aos objetos e as finalidades de um conhecimento científico”.

A identidade da Geografia enquanto ciência esteve associada, até a década de 1950, ao conhecimento empírico dos lugares. Acreditava-se que não era necessário criar teorias ou abstrações, pois a Geografia não apenas enaltecia o conhecimento concreto, mas se restringia ao mesmo.

Esses princípios pretendiam afirmar a singularidade da Geografia em relação às outras ciências. As controvérsias identitárias conduziram a um debate epistemológico, que propiciou o questionamento dos argumentos alicerçantes da “Geografia Clássica” e permitiu refletir sobre o objeto de estudo² da geografia.

O objeto de estudo sacralizado pela Geografia passou a ser o espaço³. A preocupação atual tem sido encontrar categorias de análise que permitam o seu conhecimento sistemático, isto é, a pos-

¹ A expressão “epistemologia” deriva das palavras gregas “episteme”, que significa “ciência”, e “Logia” que significa “estudo”, podendo ser definida em sua etimologia como “o estudo da ciência”

² É importante ressaltar que o debate epistemológico na geografia teve diversas ramificações, mas nesse estudo nos interessa as teorizações sobre o objeto de estudo da geografia.

³ Segundo Silva (1986 apud SANTOS, 1988) as categorias essenciais do conhecimento geográfico são, entre outras, espaço, lugar, área, região, território, *habitat*, paisagem e população. De todas a mais geral é o espaço. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

sibilidade de propor uma análise e uma síntese, cujos elementos constituintes sejam os mesmos.

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento (SANTOS, 1988).

Não podemos negar, todavia, que o estudo do espaço tem sido reclamado por inúmeras outras ciências como a Física ou a Matemática. Gomes (2009, p. 7) alertava que a Geografia não detém sua posse ou seu monopólio:

Rapidamente, os geógrafos compreenderam que a detenção, ainda que apenas normativa, de um suposto objeto único não garantia nem definia as direções que os estudos geográficos deveriam tomar. Ainda que estívéssemos de acordo sobre a denominação de um objeto, as questões relativas à natureza desse objeto, a como abordá-lo, a como justificar sua pertinência e sua relevância restavam sem resposta.

A especificidade do espaço como objeto de estudo da Geografia não foi uma solução, mas a fonte de novas inquietações. Gomes (2009) anuncia que a identificação ou marca geográfica do fenômeno estaria na “ordem espacial”:

Foi assim que denominamos a ideia de que há um arranjo físico das coisas, pessoas e fenômenos que é orientado seguindo um plano de dispersão sobre o espaço. Há coerência, lógicas, razões, que presidem essa distribuição. Há uma trama locacional que é parte essencial de alguns fenômenos. A análise dessa trama locacional é a especificidade da ciência geográfica. Ela é relevante, pois o ordenamento espacial de alguns fenômenos lhes é essencial (GOMES, 2009, p. 7-8).

Ao pensarmos na Geografia, imediatamente evocamos a noção de espaço, uma vez que, essa ciência tem organizado seu *corpus* conceitual e empírico em torno desse objeto de estudo. O espaço

geográfico, entretanto, tem sido delimitado e qualificado a partir de seus arranjos espaciais. Gomes (2009, p. 8) defende que “há um arranjo espacial coerente e explicativo que é parte da própria natureza do fenômeno”.

A análise dessa trama locacional passa a ser a especificidade da ciência geográfica. Para análise desses arranjos espaciais, é fundamental abordar de forma integrada os aspectos materiais e simbólicos inseridos em cada contexto.

Já a História visa analisar a relação do homem no tempo e no espaço. Segundo Glezer (1991, p. 1) “tempo, para história, além de ser variável, é uma questão teórica fundamental”. Embora a História, como campo de conhecimento, tenha se reformulado, o tempo permaneceu como variável obrigatória:

O tempo permitiu a relação entre sociedades com formas diferentes de contagem, a comparação entre elas, a articulação de elementos aparentemente desconexos. Ele tornou-se a explicação causal, primária, elementar: fatos eram agregados por proximidade cronológica. Com o progressivo desenvolvimento do conhecimento teórico, a questão temporal transformou-se em recurso técnico, classificatório (GLEZER, 1991, p. 1).

Essa valorização da classificação temporal foi destacada na obra de Braudel, que defendia a ideia de tempo tripartite. Assim, um primeiro questionamento surge: como relacionar espaço e tempo, geografia e história? Para responder a esse questionamento, pretendemos nos debruçar sobre alguns aspectos da Geohistória, conforme propostos por Fernand Braudel.

A Geohistória Braudelianiana

Para abordarmos a Geohistória, é preciso fazer referência ao historiador francês Fernand Braudel, considerado um dos mais importantes historiadores do século XX. Sua obra mais debatida, “O

Mediterrâneo”, tem sido considerada um marco na historiografia.

Na primeira edição de *O Mediterrâneo* (1949), Braudel apresenta a ideia da Geohistória, pois compreende que o Mediterrâneo é mais que um espaço geográfico é também um espaço cultural e, dessa forma, intervém nas civilizações que habitam suas margens.

Braudel fez parte do grupo dos *Annales*, responsável pela renovação da historiografia e por sua aproximação com as ciências sociais. A característica mais marcante de sua obra é a busca pela longa duração, isto é, a procura pelas permanências, pelos aspectos duradouros nos processos históricos. Essas permanências seriam observadas tanto nas relações do homem com a natureza, quanto nas formas de organizações coletivas e nas civilizações. Além disso, o pensador tenciona articular o saber histórico com o saber geográfico:

Colocar os problemas humanos de tal modo que uma geografia humana inteligente os veja dispostos no espaço e, se possível, cartografados: sim, sem dúvida, mas colocá-los não somente no presente e para o presente, colocá-los no passado, torná-los parte do tempo; deslocar a geografia de sua busca das realidades atuais, à qual ela exclusivamente ou quase-se aplica, persuadi-la a repensar, com seus métodos e seu espírito, as realidades passadas e, nesse caminho, o que se poderia chamar os futuros da história (BRAUDEL, 2005, p.125).

Para Braudel (1983), o espaço possui grande importância, todavia ressalta a dificuldade de articular dialeticamente espaço-tempo (geografia-história). Uma das dificuldades enfrentadas no conhecimento dos fenômenos é a tendência de fragmentação entre as diversas ciências. Assim, a solução parece ser uma abordagem interdisciplinar.

A obra de Braudel é um exemplo dessa perspectiva interdisciplinar, pois busca evidenciar que os atributos geográficos constituem a história e esta não deve ser abordada dissociada da ideia de espaço. A geohistória braudeliiana propõe a divisão do tempo histó-

rico em tempo geográfico, tempo social e econômico e tempo individual. Ao propor o estudo das permanências ou da longa duração, ele se mostra visionário ao propor a interação entre o meio, a economia, a sociedade, a cultura, a política e os diversos fenômenos.

Entre todas as ciências, a história é a de relação mais íntima com a geografia. A geografia utiliza-se da história para poder compreender, em tempos passados, a construção do espaço, pois este, como veremos adiante, é o resultado da construção mútua dos diferentes períodos históricos. Contudo, estudar o meio geográfico também é uma condição imprescindível para o conhecimento histórico (PIRES, 2012, p.02).

É preciso diferenciar duas designações morfológicamente semelhantes, mas conceitualmente diferentes: em primeiro lugar, “A Geografia Histórica ou Geografia do Passado é o ramo da Geografia Humana que trata da análise das relações estabelecidas entre o homem e a natureza ao longo do processo histórico” (PIRES, 2012, p.10). Além disso, a Geografia Histórica se debruça sobre os aspectos fundamentais do espaço histórico, a partir de sua morfologia, paisagem e organização territorial assim como sua formação social. Santos (1996) reitera que a Geografia Histórica procurou fazer uma geografia no tempo, reconstruindo as geografias do passado.

Em segundo lugar, a Geohistória buscou pensar a relação entre a Geografia e a História em uma abordagem dinâmica. A Geohistória é “um ramo da Geografia Humana, resultante da combinação de métodos de investigação e metodologias das duas ciências: Geografia e História” (PIRES, 2012, p.10).

A Dialética da Duração

Fernand Braudel propõe a ideia de tempo tripartite, ou seja, decompõe o tempo em três níveis distintos. Os diversos fenômenos investigados ocorrem, como já foi mencionado em um determinado

espaço e tempo. Todavia, essa periodização possui níveis de temporalidade.

O primeiro nível de análise seria uma história dos acontecimentos, caracterizada pela investigação de episódios relativamente recentes, o que marca o tempo curto: “Esse tempo menor é o que deve circunscrever o acontecimento” (RIBEIRO, 2009, p. 11). Já o segundo nível é o da média duração e pratica a apreciação numa perspectiva conjuntural: “É a totalidade histórica seccionada em segmentos de dez, vinte ou cinquenta anos” (id., p. 12). Finalmente, veríamos a longa duração ou a história estrutural, que permitiria a definição das permanências “Tem uma duração longa, secular, ou até milenar, dependendo da estrutura, são os grilhões da história, o seu sentido, a sua orientação, as permanências, aquilo que dificilmente se modifica.” (id. *ibid*).

Quadro 1⁴: Esquema tipológico de análise das temporalidades histórico-sociais

ESCALAS TEMPORAIS	
Tempo de curta duração ou dos acontecimentos	Geralmente vinculado aos ritmos consuetudinários (do cotidiano), temporalidade da qual se ocupa o jornalista, o cronista ou advogado, trata-se do tempo das estruturas do cotidiano.
Tempo de média duração ou das estruturas econômicas	Constitui a temporalidade das condições conjunturais a que se submetem as relações econômicas (os ciclos de Kondratiev. PIRES, 1996, p.44-45), sociais (tempo das gerações humanas), políticas e culturais, também chamada de condições objetivas.
Tempo de longa duração ou da geografia (GUARINELLO, 2004)	Também chamada de temporalidades lentas, centenárias, as que estruturam a história das civilizações, ou as que se submetem à escala geológica dos acontecimentos.

O tempo histórico deve ser procurado na duração social, pois assim identificamos tempos múltiplos, contraditórios que estão não apenas no passado, mas também no presente.

⁴ O Quadro 1 foi elaborado a partir das proposições de Pires (2012, p. 11) e reproduz a ideia de Braudel sobre temporalidade.

A mudança na historiografia representada por Braudel desloca os episódios ou acontecimentos do centro das análises e centra-se no tempo de longa duração. Além disso, a história estaria se encaminhando para um efetivo contato metodológico com outras áreas:

O herói não é mais o indivíduo, mas o mundo mediterrâneo; não há mais a recordação dos feitos extraordinários, das rupturas na história, mas uma ciência social preocupada com a memória coletiva, cujas categorias – estrutura, conjuntura, duração – são construídas a partir de um diálogo com disciplinas como a economia, a demografia, a geografia, a etnologia e, sobretudo, a sociologia (RODRIGUES, 2009, p.179-180).

Braudel (apud RODRIGUES, 2009, p. 180) conclui “que o tempo curto, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana, de nossas ilusões, de nossas rápidas tomadas de consciência [...] não forma toda a realidade, toda a espessura da história sobre a qual a reflexão científica pode trabalhar à vontade”.

A Geohistória de Braudel, portanto, com o entendimento do tempo de longa duração e das diferentes temporalidades históricas, permite entender as permanências e rupturas do decorrer histórico da formação territorial.

O uso da Geohistória nas Pesquisas Acadêmicas

A pesquisa científica tem o objetivo de colaborar para o enriquecimento do conhecimento humano. Para tanto, precisa ser esboçada e executada a partir de rigorosos critérios de processamento das informações. A pesquisa científica compreende, portanto, o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, cujo objetivo primordial é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos (GATTI, 2000). Os trabalhos acadêmicos de graduação e de pós-graduação, para serem considerados pesquisas científicas, devem produzir ciência, ou dela derivar, ou acompanhar seu modelo de tratamento.

Um dos grandes desafios da pesquisa acadêmica é a definição metodológica. A escolha do método geralmente evolui com a pesquisa. A pretensão inicial muitas vezes se modifica a partir dos fóruns de debate e das orientações. Ao longo do percurso acadêmico, com o cumprimento dos créditos, a participação nos grupos de pesquisa e o diálogo com o orientador, a metodologia vai se clarificando, uma vez que “não há um método científico no sentido de uma receita universal para se fazer ciência” (CHIBENI, 2006, p. 2).

Um questionamento insistente nas apresentações de trabalhos científicos, seminários e qualificações é o recorte espacial e temporal da pesquisa. A utilização da geohistória pode ser uma alternativa para a reflexão metodológica e para o entendimento das intercessões históricas na produção do espaço.

Nessa perspectiva, a análise da realidade ou de seus fragmentos não deve ser realizada distinguindo espaço e tempo, já que, como foi explicitado, existe uma simbiose entre essas duas estruturas, uma articulação natural, da qual ambas se beneficiam. Examinar distintamente espaço-tempo pode comprometer a percepção de um contexto no qual já é complicado separar aparência e essência.

Por isso, nossa proposta é resgatar a história como elemento fundante da análise geográfica. Mas alguns cuidados devem ser tomados na adoção da perspectiva histórica para os estudos geográficos afim de evitarmos um estudo pretensamente de cunho historiográfico e com pouca ênfase na Geografia. (LIMA, 2011, p. 33)

Ao garantir essa interface entre história e geografia nas pesquisas sociais, pretendemos adotar uma perspectiva de integralidade, isto é, verificar a possibilidade de utilizar mediações da totalidade e do individual para se compreender os acontecimentos.

Dessa forma, quando se opta por uma abordagem histórica nas pesquisas geográficas, espera-se contemplar as transformações espaciais em um determinado momento sem interconexões atadas ao passado.

Definir esses recortes espaciais e temporais não é fácil, pois é importante verificar suas sincronias e diacronias. Os eventos ocorrem em diferentes temporalidades e espaços e sofrem influência de aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais, dentre outros. Assim, faz sentido o uso da noção de não linearidade dos tempos históricos de Braudel nas pesquisas acadêmicas.

Considerações Finais

A Geohistória apresenta os desafios da sociedade dispostos no espaço, cartografados, todavia, ao apresentá-los, não o faz somente no espaço presente, pois pressupõe uma geografia capaz de incorporar a dimensão temporal e uma história incomodada com o espaço e com tudo o que ele padece, concebe, provoca ou contraria, em virtude de sua permanência.

As categorias tempo e espaço, analisadas em uma perspectiva interdisciplinar, são alternativas para compreensão do homem e das civilizações. Para Braudel, a convergência entre História e Geografia é tão eficaz que não existiria razão plausível para separá-las.

Observamos que um questionamento insistente nas pesquisas científicas, principalmente na área de ciências humanas e sociais aplicadas, é qual o recorte espacial e temporal do estudo. A utilização da Geohistória pode ser uma alternativa para reflexão metodológica e para o entendimento das intercessões históricas na produção do espaço.

Referências Bibliográficas

- BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- _____. *História e ciências sociais*. A longa duração. In: *Escritos sobre a história*. Trad. Jacó Guinsburg e Tereza da Mota. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHIBENI, Silvio Seno. *Algumas observações sobre o “método científico”*. 2006. Disponível em: <http://agriculturasamazonicas.ufpa.br>. Acesso em: 13/06/2012.

GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Liber Livro, 2000.

GOMES, Paulo César da Costa. *Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário*. Conferência de Abertura da ANPEGE. Curitiba, 2009. In: VIII ENANPEGE, 2009, CURITIBA. *Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e fazer geográfico*. Curitiba: Ademadan, 2009. v. 1. p. 13-30.

GLEZER, Raquel. *A noção do tempo e o ensino de história*. *Revista de História*, v. 02, nº 01, 1991. Disponível em: www.cefetsp.br/edu/eso/fausto/tempo_historia.pdf. Acesso em: 28/09/2012.

LIMA, Átila de Menezes. *A geografia histórica de Iguatu-Ce: uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980*. Fortaleza, 2011. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará.

PIRES, Hindenburgo Francisco. *Reflexões sobre a contribuição da Geografia Histórica e da Geohistória na renovação dos pensamentos geográfico e histórico no século XX*. Disponível em: http://www.cibergeo.org/artigos/Hindenburgo_ICB-HPG_2008.pdf. Acesso em: 28/09/2012.

RIBEIRO, José Eustáquio. *Da sincronia à discronia: os “três tempos” da “história total” de Braudel a partir de um diálogo com Lévi-Strauss*. OPSIS, Catalão, v. 9, n. 12, jan-jun 2009. Disponível em: revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/download/9442/6529. Acesso em: 30/09/2012.

RODRIGUES, Henrique Estrada. *Lévi-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores*. *Revista Brasileira de História*, vol.29, nº.57, São Paulo, 2009. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a07v2957.pdf. Acesso em: 30/09/2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.